**O MOVIMENTO TRUMPISTA É INTERNACIONAL – POSIÇÃO DAS IGREJAS CRISTÃS**

E chegamos a mais um pico do movimento internacional do “Trumpismo”, que alberga o que Bolsonaro (Brasil), Le Pen (França) ou Ventura (Portugal), entre muitos outros todos defensores do “povo” que manipulam, tendo por base o neoliberalismo económico: uma invasão do Capitólio pronunciadora do fascismo, que quer levantar a cabeça. Tal sucede com o apoio de muitos cristãos, católicos romanos ou seitas evangélicas, que sorriem ao ver o seu deus-dinheiro-poder, prometendo uma boa vida para todos, não esquecendo que eles chefes e deuses, sugam o sangue dos povos, aliás como se comprova em tantas partes do mundo, sejam elas orientais, sejam europeias ou sejam da américa latina. Trump veio dar força ao movimento decaído de movimentar as populações pelo medo, e sair com armadilheiros-corrompidos, para dar vida a quem depois lhes dá a morte. Os ultraconservadores do catolicismo romano aí estão, como os cardeais anti Francisco, numa vã tentação de ressuscitar a Inquisição, de que alguns nunca saíram. E mesmo os evangélicos – protestantes extremistas, de “leitura à letra”, já veem as lutas do Antigo Testamento aí, para erigirem altares ao deus-dinheiro-armas, na destruição sucessiva da Humanidade. A tentativa da tomada do Capitólio nos Estados Unidos da América, mais não era, se fosse bem-sucedida, do espalhar das ditaduras que hoje prendem o mundo, a Terra, a Humanidade. São os nacionalismos a espelharem o que há de mais racista e anticristão, que rezam a um deus que formaram à sua imagem e semelhança. O diabo existe, e está neste movimento cuja cegueira leva os nossos povos para épocas de obediências aos senhores-dos-poderes-das-armas- das guerras. A tomada do Capitólio é uma primeira chamada para que se amordace quem combate ao lado do grito da Terra e do grito dos Pobres.

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) tomou posição sobre este “pico”, da tomada do Capitólio, afirmando que “A política populista divisionista dos últimos anos desencadeou forças que ameaçam os fundamentos da democracia nos Estados Unidos e - na medida em que representa um exemplo para outros países - no mundo em geral. Consequentemente, esses desenvolvimentos têm implicações muito além da política interna americana e são de séria preocupação internacional” e exorta a que “os responsáveis ​​pela violência de hoje a desistir e retornar ao discurso civil e aos processos democráticos estabelecidos. Apelamos a todas as partes para que resistam aos interesses políticos de curto prazo e ajam de forma responsável perante os outros e perante a sociedade em geral.” (comunicado de 6 de janeiro de 2021).

O papa Francisco, visado pelos ultraconservadores da igreja católica romana, que repudiam as alterações do Concílio Vaticano II, e as recentes encíclicas, ao mesmo tempo que fornecem apoio total à vanguarda de Trump, exortou: “as autoridades do Estado e toda a população a manter um alto sentido de responsabilidade, para que se voltem a serenar os ânimos, se promova a reconciliação nacional e tutelem os valores democráticos radicados na sociedade norte-americana”, repetindo que “a violência é autodestrutiva, sempre, nada se ganha com a violência e tanto se perde”. Dizendo estar “estupefacto” com a violência que os amigos de Trump usaram, condena-a, ela é contra a democracia e o bem-comum.

O presidente da Conferência Episcopal dos EUA, D. José Horacio Gómez, ao condenar estes atos, reafirmou que o que aconteceu “não é o que somos como estadunidenses, onde a transição pacífica do poder é um dos sinais distintivos”. Ao mesmo tempo o cardeal Wilton Gregory, arcebispo de Washington, disse que "O tom de divisão que recentemente dominou nossas conversas deve mudar", que "aqueles que recorrem à retórica incendiária devem assumir a responsabilidade de incitar a uma crescente violência na nossa nação", o arcebispo de Chicago cardeal Blase Joseph Cupich falou de "vergonha nacional", comentando o ocorrido e "que o amor de Deus recorde a todos os estadunidenses que a política é a resolução pacífica de pontos de vista opostos. Esta é nossa tradição como nação democrática, e nós a minamos por nossa conta e risco" e continua que "por muitos meses temos testemunhado a erosão deliberada das normas do nosso sistema de governo". Enquanto defende o protesto pacífico, que ele diz ser um direito sagrado, reitera que os eventos no Capitólio devem "chocar a consciência de cada patrióta estadunidense e de cada fiel católico". Johnny Zokovitch, diretor executivo da Pax Christi EUA, não usa meios termos para definir os eventos no Capitólio durante a contagem dos votos do Colégio Eleitoral. Ele chama os eventos de "resultado da demagogia de um homem, o presidente Trump, e o fracasso de todos aqueles - políticos, mídia, família e outros ainda - que desculparam, ignoraram, dispensaram ou encorajaram a odiosa e divisionista retórica que definiu o mandato deste presidente". Claro, que os apoiantes de Trump, cardeais e bispos ficaram mudos, apoiando assim a tomada do Capitólio e a violência.

Nós, as cristãs e os cristãos, que formamos a Humanidade, devemos levantar a voz e dizer que esta não é a mensagem de Jesus, se ficarmos calados, até as pedras falarão.

Joaquim Armindo

Diácono – Porto – Portugal

Pós – Doutorando em Teologia

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental